

DE PASSINHO EM PASSINHO: UMA OFICINA PEDAGÓGICA ANTIRRACISTA

Ana Paula Vieira da Silva¹

Julia Camilly Lopes de Souza²

Resumo

Esse relato de experiência é resultado de uma oficina pedagógica nas aulas de Práticas Educativas de Língua Portuguesa, com crianças de 9 a 11 anos, que cursam o 4º e o 5º ano do ensino fundamental. Realizada em uma Unidade de Educação Integral em Tempo Ampliado da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, que desenvolve atividades de maneira integrada com estudantes de quatro escolas distintas. O desenvolvimento das ações foi realizado com base nos referenciais teóricos sobre representatividade negra na literatura (Gouvêa, 2005), a literatura como instrumento de fortalecimento das identidades (Silva; Ferreira e Faria, 2011) e a literatura negroafetiva (Rosa; Dias; Pereira e Jesus, 2022). Este trabalho foi conduzido pela professora responsável pela prática educativa e também supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em parceria com sete bolsistas, estudantes de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A oficina teve como objetivo reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, mas também de denúncia e pensamento crítico, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade. Pensando na importância de efetivar a educação para as relações étnico-raciais, apresentamos aos estudantes a leitura do livro *De passinho em passinho: um livro para dançar e sonhar*, de Otávio Júnior, que culminaria em uma aula ministrada por uma dançarina convidada. No entanto, a gestão impediu a execução da proposta. Esse episódio revela barreiras institucionais à inserção de saberes negros e periféricos na escola pública, mesmo quando alinhados às diretrizes curriculares. A experiência evidenciou os desafios de propor uma educação verdadeiramente plural e crítica, que reconheça e valorize a diversidade existente nas vivências dos estudantes.

Palavras-chaves: Cultura periférica; Desigualdade social; Educação integral; Educação para as Relações Étnico-raciais; Literatura para as Infâncias.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculada à linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs). Professora Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) subprojeto Alfabetização, vinculado à Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisadora e professora dos anos iniciais na rede municipal de ensino de Curitiba - PR. E-mail: anapaulavsilva@educacao.curitiba.pr.gov.br

² Graduanda do 4º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Alfabetização.



INTRODUÇÃO

Durante a atuação do PIBID Alfabetização/UFPR, realizada em uma Unidade de Educação Integral em Tempo Ampliado da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, participamos de uma experiência pedagógica marcante, mediada pela professora responsável pelas Práticas Educativas de Língua Portuguesa. A partir dessa escuta, nasceu a proposta de uma oficina pedagógica que valorizasse o passinho enquanto manifestação cultural periférica legítima, ampliar repertórios e desconstruir estereótipos.

Como parte da atividade, a professora iniciou uma roda de conversa perguntando às crianças o que elas sabiam ou pensavam sobre o gênero musical. Surgiram respostas como “*Funk* é só besteira”. A partir da escuta aos estudantes sobre o tema, emergiram percepções estigmatizadas, evidenciando o impacto de discursos preconceituosos desde a infância. Planejamos atividades práticas e reflexivas, incluindo o uso da literatura para as infâncias e a participação de uma dançarina e educadora que ministraria uma aula de passinho.

DESENVOLVIMENTO

O livro *De passinho em passinho: um livro para dançar e sonhar* (2021), de Otávio Júnior, ilustrado por Bruna Lubambo, é construído com leveza e sensibilidade, utilizando a musicalidade do *Funk* e a cadência das palavras para transmitir uma mensagem inspiradora sobre sonhos, identidade e superação. Por meio da trajetória de um menino que sonha em ser dançarino, a obra mostra como o ritmo e a dança podem ser caminhos de expressão, pertencimento e transformação, mesmo diante dos desafios da vida na periferia.

A dança, especialmente o passinho, é apresentada como uma forma de resistência e esperança, tornando-se metáfora do movimento em direção aos sonhos e da força de continuar, mesmo com passos pequenos. Com poesia e otimismo, o texto incentiva as crianças a acreditarem em seus potenciais, valorizando sua origem e cultura.



As ilustrações vibrantes complementam a narrativa com cores marcantes, expressões cheias de vida e cenários que remetem ao cotidiano das favelas, reforçando a beleza da diversidade e a potência do universo periférico. A arte visual acompanha com harmonia o compasso da narrativa, ampliando o impacto emocional da obra.

Assim, *De passinho em passinho: um livro para dançar e sonhar* (2021) se configura como uma leitura potente para o desenvolvimento da autoestima e da valorização da cultura popular entre as crianças. O livro oferece um convite à escuta, ao respeito às trajetórias individuais e à celebração da infância em todas as suas expressões.

A artista convidada para a aula de passinho ingressou no *Funk* em 2010 e, no ano seguinte, no *Hip-hop* e nas danças urbanas. Na sequência conheceu o *Break Dance* e o *Afro house*. Em 2016 começou a dar aulas voluntárias de *Hip-hop* em Organizações não governamentais (ONG's), Ruas da Cidadania e Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS). Em 2019 idealizou um projeto de *Funk*, com foco na movimentação do quadril e algumas vertentes do passinho, para todos os gêneros e idades. Dançou no Festival Internacional de *Hip-hop* em Curitiba (FIH2). Suas últimas premiações foram 1º lugar na Frente Nacional das Mulheres do *Hip-hop* em Salvador e 1º lugar no *Master and Beginner*, na modalidade *Seven to Smoke*.

A proposta da aula de passinho não se tratava de um espetáculo, mas sim de uma vivência pedagógica fundamentada em práticas corporais, oralidade e expressão cultural, conforme previsto nas diretrizes da BNCC e na Lei nº 10.639/2003. Apesar da coerência didática e da intencionalidade pedagógica, a oficina foi recusada pela gestão escolar. Esse veto revela como determinadas manifestações culturais — sobretudo negras, periféricas e populares — ainda enfrentam barreiras simbólicas para serem inseridas no cotidiano escolar.



OBJETIVO GERAL

Desenvolver escuta atenta e crítica, reconhecendo que os textos literários apresentam uma dimensão lúdica de encantamento, mas também de denúncia e crítica social.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver escuta atenta e crítica em situações variadas.
- Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler, apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre o contexto social de produção.
- Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador e resolução.
- Utilizar-se de argumentos coerentes para defender seu ponto de vista.

MATERIAIS E MÉTODOS

- Livro *De passinho em passinho: um livro para dançar e sonhar*, de Otávio Júnior;
 - Espaço físico da sala de aula para roda de conversa;
 - Recursos audiovisuais para apresentação de vídeos de passinho.
1. **Escuta inicial** - Roda de conversa para levantar percepções dos estudantes sobre o *funk*.
 2. **Mediação literária** - Leitura compartilhada do livro, buscando promover reflexão e conexão com a realidade e cultura do passinho.
 3. **Discussão Crítica** - Reflexão sobre cultura periférica, diversidade e preconceitos.
 4. **Registro e análise** - Anotações das impressões e barreiras institucionais encontradas durante o processo.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao trazer a proposta do passinho em forma de oficina e contar que teríamos uma dançarina trazendo o passinho para dentro da sala de aula, havia um clima de expectativas e empolgação. Infelizmente a aula prática de passinho não chegou a acontecer. Isso frustrou as crianças e também a nós, professora e bolsistas, já que a ideia era justamente mostrar que o *funk* é uma expressão cultural rica e legítima, e que pode ser explorada na escola com seriedade e intencionalidade.

Essa experiência deixou evidente que ainda existem barreiras para integrar escola e comunidade, mesmo quando existem planejamentos, embasamento nas leis e documentos oficiais. Também ficou evidente a importância da escuta, pois é isso que amplia a visão de mundo dos estudantes, partindo do que estes já sabem.

Exploramos não apenas a música e a dança, mas também aspectos culturais que a acompanham. Nas conversas com os estudantes, surgiram aprendizagens sobre elementos que fazem parte da estética e da expressão do *Funk*, como as roupas, acessórios, tal como marcas reconhecidas por eles como símbolos de identidade e cultura. O passinho vai além da batida, sendo também uma forma de comunicação, pertencimento e valorização das vivências das comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recusa à oficina evidencia o quanto a escola ainda não está aberta a certos saberes e corpos. Incluir o *Funk* nas práticas pedagógicas é um ato político e, por isso, desafiador. Como bolsistas, esse acontecimento contribuiu para nossa formação, nos encorajando a educar, tensionando estruturas, propor escutas e promover visibilidade à decolonialidade. A sociedade, tal como a escola que dela faz parte, precisa reconhecer que há múltiplos saberes fora do espaço institucional e que, ao negar sua entrada, perpetua desigualdades simbólicas e epistemológicas. O que nos faz refletir, a partir de uma experiência prática e potente, sobre os limites institucionais impostos à valorização de culturas periféricas na escola pública e o papel da formação docente na desconstrução de preconceitos culturais.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificando o currículo oficial da Rede de Ensino para incluir a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017.

